

## Fernando Pessoa, demiurgo do desassossego: Ricardo Reis, entre o sol e o buraco negro

### *Fernando Pessoa, demiurge of disquiet: Ricardo Reis, between the sun and the black hole*

#### Resumo

A heteronímia pessoana não é apenas um expediente literário, mas a instauração de um cosmos filosófico original. Este ensaio considera esse cosmos a partir de dois polos: Alberto Caeiro (o Sol), que encarna a adesão imediata à existência sensível, e Fausto (o buraco negro), que experimenta o pensamento vertiginosamente. Entre a plenitude solar e a vertigem especulativa, Ricardo Reis habita o intervalo: sabe que o Destino e a morte são inexoráveis, mas em vez de se entregar ao desespero, faz da criação poética o gesto que lhe permite durar na tensão. É nesse movimento que reside a originalidade filosófica da obra de Pessoa: consciência e existência não se conciliam numa síntese, mas se convertem num impulso criador contínuo. O desassossego deixa de ser um estado psicológico para se afirmar como condição ontológica e força demiúrgica. Com isso, a experiência poético-filosófica de Pessoa interpela o próprio campo da filosofia, sugerindo que a criação literária pode constituir uma via legítima e irredutível ao discurso conceitual para elaborar questões que o pensamento, por si só, não resolve.

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa; criação; poesia; filosofia; Ricardo Reis; desassossego.

---

1 Este ensaio é composto por parte da minha tese de doutorado intitulada “O desassossego e o pensamento poético-filosófico de Fernando Pessoa”.

\* Universidade de São Paulo (USP) / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP)  
giselebc@gmail.com

**Abstract**

*Pessoa's heteronymy is not merely a literary device but the inauguration of an original philosophical cosmos. This essay considers that cosmos through two poles: Alberto Caeiro (the Sun), who embodies an immediate adhesion to sensuous existence, and Faust (the black hole), who experiences thought vertiginously. Between solar fullness and speculative vertigo, Ricardo Reis inhabits the interval: he knows that Fate and death are inexorable, yet instead of surrendering to despair, he turns poetic creation into the gesture that allows him to endure the tension. It is in this movement that the philosophical originality of Pessoa's work resides: thinking and existing are not reconciled in a synthesis but transformed into a continuous creative impulse. Disquiet ceases to be a psychological state and becomes an ontological condition and a demiurgic force. In so doing, Pessoa's poetic-philosophical experience challenges the field of philosophy itself, suggesting that literary creation may constitute a legitimate path — irreducible to conceptual discourse — for elaborating questions that thought alone cannot resolve.*

**Keywords:** Fernando Pessoa; creation; poetry; philosophy; Ricardo Reis; disquiet.

*Na interioridade repousa assim certamente uma sensação similar à aquela serpente que engoliu coelhos inteiros e então se deita ao sol silenciosamente saciada, evitando qualquer movimento desnecessário. O processo interior é agora a coisa mesma, a própria "cultura". Qualquer um que passa por perto só tem um desejo: que uma tal cultura não pereça de indigestão.*  
Friedrich Nietzsche

*A única afirmação grande de Nietzsche é que a alegria é mais profunda que a dor, que a alegria quer profunda, profunda eternidade. Como todos os pensamentos culminantes e fecundos dos grandes mestres, isto não significa coisa nenhuma. É por isso que teve tão grande acção nos espíritos: só no vácuo total se pode pôr absolutamente tudo.*  
Fernando Pessoa

Entre os escritos de Fernando Pessoa sobre filosofia encontramos a seguinte reflexão: “O caminho da Filosofia não é partir do conhecido para o desconhecido, mas do desconhecido no conhecido para o desconhecido em si mesmo.”<sup>2</sup>

A presença da filosofia na obra de Fernando Pessoa é notória. Sabemos que ele estudou filosofia com afinco, que redigiu textos<sup>3</sup> mais teóricos sobre diversos filósofos e sobre assuntos frequentes da filosofia. Mas é em seus poemas e em sua prosa poética que o exercício filosófico se desenvolve de forma mais original e contundente. Nesse horizonte, cumpre considerar alguns pontos: embora seja arriscado dizer que ele tenha concebido uma doutrina ou um sistema filosófico nos moldes tradicionais, é legítimo sustentar que ele criou um universo poético habitado por experiências de teor e relevância filosóficas. A originalidade de tais experiências reside sobretudo na tensão estabelecida por um desassossego congênito, que, embora estimule constantemente a perquirição filosófica, age também extrapolando constantemente as conclusões e os limites tradicionais da filosofia; postura em consonância com a reflexão que abre este ensaio. Tais experiências, que dificilmente se dariam em solo estritamente filosófico, pois rompem com seus padrões formais, serão desenvolvidas pelo autor sobretudo em seus poemas, por meio da articulação entre o poético e o filosófico. Sobre essas extrapolações, Alain Badiou dirá o seguinte:

*Pessoa instala o poema nos procedimentos de uma lógica distendida, ou invertida, que não parece compatível com a clareza da dialética idealista. Assim, como mostrou Jakobson em belíssimo artigo, o emprego sistemático do oxímoro desequilibra todas as atribuições predicativas. (...) Pessoa produz assim uma subversão poética do princípio da não-contradição. (...) O poema está então aí para criar esse ‘nem, nem’, e sugerir que é outra coisa ainda, que qualquer oposição do tipo sim/não deixa escapar.*<sup>4</sup>

---

2 Pessoa, F. *Textos Filosóficos*. Vol. 1 –Lisboa: Nova Ática, 2006. p. 20

3 Ao cursar o superior em Lisboa, Pessoa registrou, numa espécie de diário publicado postumamente em *Escritos autobiográficos*, suas leituras, as quais abarcavam os escritos de diversos filósofos, historiadores da filosofia e comentadores. Em 1968 Antônio Pina Coelho estabeleceu a primeira seleção de textos filosóficos escritos por Pessoa. Lançada pela editora Ática em dois volumes, a edição de “Textos Filosóficos de Fernando Pessoa” é composta predominantemente por escritos em prosa, em que Pessoa comenta e desenvolve estudos sobre diversos nomes da tradição filosófica.

4 Badiou, A. *Pequeno Manual de Inestética*. SP: Estação Liberdade, 2002. p.57

A poesia de Pessoa não se limita a poetizar desinteressadamente questões filosóficas. Desse entrelaçamento nascem perguntas, experiências e conclusões híbridas, que se dirigem tanto ao universo poético quanto à filosofia. A problematização é de fundo filosófico, mas desenvolve-se no horizonte criativo da arte – e é aí que o exercício filosófico se liberta das categorias tradicionais. Essa liberdade permite ao poeta não apenas extrapolar domínios habituais da filosofia, mas também colocar essa própria extrapolação e seu fruto como problema para a filosofia, problema que poderá ser novamente retomado por sua poesia. Pessoa inaugura, assim, um pensar que exige a tessitura de recursos próprios, possíveis graças à imbricação entre poesia e filosofia. Com efeito, no ensaio *Fenomenologia e Literatura: a não filosofia de Fernando Pessoa*, Renaud Barbaras analisa a obra de Pessoa a partir de problemas frequentados pela fenomenologia de Merleau-Ponty; lá, ele nos mostra como as experiências cultivadas nos poemas que integram a obra de Caeiro vão além de determinadas soluções ensaiadas pelo filósofo francês e configuram uma perspectiva radical sobre o pensamento e a existência, que deve ser considerada pela filosofia:

*A obra de Alberto Caeiro é indistinguívelmente poesia e pensamento e, por conseguinte, unidade absoluta da criação e da reflexão sobre o sentido da criação. Desse ponto de vista, precisaria abrir mão das categorias que estamos usando, já que, sendo ao mesmo tempo poesia e ontologia, ela não é filosofia, nem poesia: é provavelmente a primeira realização da literatura no sentido novo de uma “inscrição do Ser”.<sup>5</sup>*

Poesia e filosofia são indissociáveis em sua obra, solo e engrenagem de um movimento contínuo de criação e reflexão<sup>6</sup>. Tal é a urdidura do universo, que, como um demiurgo, Fernando Pessoa criou. Mas como se dá essa dinâmica entre o poético e o filosófico em sua obra? Seguindo essa perspectiva, e considerando seu característico arranjo heteronímico<sup>7</sup>, seria possível assumir

---

5 Barbaras, R. *Investigações Fenomenológicas*. PR: Editora UFPR, 2011. p. 219

6 Em “Uma tarefa filosófica: ser contemporâneo de Pessoa”, Alain Badiou escreve; “Mais do que escrever uma obra, Fernando Pessoa exibiu toda uma literatura, uma configuração literária em que todas as oposições, todos os problemas do pensamento do século vêm se inscrever. (...) no espaço que o poeta abriu para nós, uma verdadeira filosofia do múltiplo, do vazio, do infinito.” (BADIOU, *Pequeno Manual de Inestética*. SP: Estação Liberdade, 2002. p.63)

7 Sobre o fenômeno heteronímico Pessoa escreve em sua *Tábua Bibliográfica*: “As obras heterônimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente —Alberto Caeiro, Ricardo

que Alberto Caeiro é como o Sol, enquanto Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, Pessoa ortônimo, António Mora, Barão de Teive e quicá outros, orbitariam ao seu redor; como planetas, satélites, asteroides e demais corpos celestes, uns maiores e outros menores, uns mais próximos e outros mais distantes. Num outro extremo, seu Fausto<sup>8</sup> equivaleria a um buraco negro, que, mesmo alheio à órbita solar, nem por isso deixaria de influenciar a trajetória dos corpos celestes.

O uso de metáforas cosmológicas para se referir à obra de Pessoa não é inédito, embora o arranjo proposto por cada um seja, em alguma medida, distinto. Com efeito, lemos em Octavio Paz:

*Alberto Caeiro é meu mestre. Esta afirmação é a pedra de toque de toda a sua obra. E poderia acrescentar-se que a obra de Caeiro é a única afirmação feita por Pessoa. Caeiro é o sol e em torno dele giram Reis, Campos e o próprio Pessoa. Em todos eles há partículas de negação ou de irrealidade: Reis acredita na forma, Campos na sensação, Pessoa nos símbolos. Caeiro não acredita em nada: existe. (...) Caeiro é tudo o que Pessoa não é e, além disso, tudo o que nenhum poeta moderno pode ser: o homem reconciliado com a natureza. Antes do cristianismo, sim, mas também antes do trabalho e da história. Caeiro nega, pelo mero fato de existir, não somente a estética simbolista de Pessoa como todas as estéticas, todos os valores, todas as idéias. Não fica nada? Fica tudo, limpo todos os fantasmas e teias de aranha da cultura.*<sup>9</sup>

---

Reis, Álvaro de Campos. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas. Forma cada uma uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama” (PESSOA, *Presença*, nº 17. Coimbra: Dez. 1928 - ed. facsimil. Lisboa: Contexto, 1993 –p. 250). Além desses três heterônimos, o universo de Pessoa também conta com o semi-heterônimo Bernardo Soares, Pessoa ortônimo e mais de uma centena de outras figuras. Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari, falam em 136 personas mapeadas até então: “o conjunto aqui proposto de 136 figuras que surgem no espólio de Fernando Pessoa como autoras de textos ou com funções atribuídas poderá, naturalmente, ser ampliado por futuras pesquisas e novas descobertas.” (Pizarro e Ferrari. *136 Pessoas de Pessoa*, RJ: Tinta da China, 2017. p. 14)

8 Os escritos relativos ao *Fausto* de Pessoa contam com distintas edições, todas póstumas. Diferentes entre si, essas edições apresentam não apenas ordenações variadas para os escritos, mas também diferentes seleções do conjunto de fragmentos envolvidos nesse projeto pessoano. Neste ensaio trabalharemos com a edição de Carlos Pittella.

9 Paz, O. *Signos em Rotação*, SP: Perspectiva, 1976. p. 209.

Entre aqueles que usam a metáfora cosmológica, Eduardo Lourenço escreve: “enquanto mito Caeiro é o centro do universo de Pessoa. Ou melhor, é a invenção de um centro para um universo sem ele.”<sup>10</sup>

Em seu livro, “O Constelado Fernando Pessoa”, José Clécio Basílio Quesado defende que a obra de Pessoa comporta

*através da diversificação de linguagens da ortonímia e heteronímia, um todo sistêmico, um cosmo poético em que os “corpos” se organizam harmonicamente pela atuação das forças de atração e repulsão que uns exercem sobre os outros. Assim, neste todo constelado, a objetividade e a subjetividade formam os elementos polares que são assumidos, respectivamente, por Alberto Caeiro e Fernando Pessoa ele-mesmo. Ricardo Reis e Álvaro de Campos traçam suas órbitas em torno desses pólos, transpondo-os de um a outro.*<sup>11</sup>

O próprio Pessoa reconhece a centralidade de Caeiro. Em uma correspondência com Casais Monteiro, ele escreve: “Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, ‘O Guardador de Rebanhos’. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive.”<sup>12</sup>

Já em um dos textos de *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, ao refletir sobre as metamorfoses que a influência caeiriana operou em Ricardo Reis, em Fernando Pessoa, em Antônio Mora e em si, Álvaro de Campos faz referência a uma “reacção à Grande Vaccina”<sup>13</sup>. Segundo Campos, a obra de seu mestre forneceu a Ricardo Reis a sensibilidade que lhe faltava para sua transformação de um pagão latente em um pagão de fato. Nas palavras de Ricardo Reis:

*Quando pela primeira vez, estando então em Portugal, ouvir ler O Guardador de Rebanhos tive a maior e a mais perfeita sensação da minha vida. Rolou-se-me de sobre o coração, de repente, todo o peso da nossa civilização*

10 Lourenço, E. *Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Gradiva, 2008. p. 205.

11 Quesado. *O constelado Fernando Pessoa*. RJ: Imago, 1976. p. 119.

12 Pessoa, F. *Alguma Prosa*. RJ: Nova Fronteira, 1990. p. 52.

13 Pessoa, F. *Prosa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 2012. p. 103.

*postiça, todo o peso do cristianismo ativo cuja sombra jaz sobre a nossa alma. Respirei outra vez a grandeza, a força e a singela perfeição das grandes emoções primitivas, que vinha da natureza sem datas das almas.*<sup>14</sup>

A influência sobre Álvaro de Campos é tão intensa, que este confessa que antes de conhecer Caeiro, não passava de “uma machina nervosa de não fazer coisa nenhuma”<sup>15</sup>. Só depois de conhecê-lo, ele passou a ser ele mesmo. “E de ahi em diante, por mal ou por bem, tenho sido eu”<sup>16</sup>.

De acordo com a analogia de Campos, como uma “Grande Vaccina”, Caeiro provoca reações, transformações na existência daqueles que se mostram suscetíveis à sua influência. Mas qual seria o princípio dessa “Grande Vaccina”? Álvaro de Campos é direto e decisivo ao falar sobre o seu teor: trata-se de uma “vacina contra a estupidez dos inteligentes”<sup>17</sup>.

Como Pessoa e seus críticos, mantenho a centralidade de Caeiro, mas em minha análise confiro também destaque à figura do Fausto pessoano. Assim como José Gil<sup>18</sup>, vejo nesse Fausto um papel importante na dinâmica da criação poético-filosófica de tal universo.

Mais do que estabelecer uma metáfora, a conjuntura cosmológica que sustento nesse ensaio – em que Caeiro é como um sol e Fausto como um buraco negro – permite colocar em exercício e ilustrar como as experiências expressas nos escritos de Caeiro e Fausto podem ser compreendidas enquanto um eixo articulador do pensamento e da obra pessoana. Eixo que revela a dinâmica do

14 Pessoa, F. *Ricardo Reis – Prosa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, p.65.

15 Pessoa, F. *Prosa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 2012. p. 102.

16 Idem.

17 Ibidem, p. 103.

18 José Gil escreve sobre a relação do Fausto pessoano com o Universo de Pessoa: “Fausto seria a prova poética desta passagem, ou do percurso inverso (como dissemos): o da morte da poesia vampirizada pela filosofia. Porque todo Fausto não faz mais, afinal, do que mostrar como a preocupação (raciocinante e argumentadora) da metafísica absorve a infinita multiplicidade das sensações (que alimentam a poesia). (...) O pensamento filosófico que aparece no Fausto tem uma outra importância para a compreensão da obra de Pessoa: permite talvez entender o brusco corte que sofreram as intensas investigações filosóficas do autor, aí por volta de 1912 (data do nascimento dos heterônimos). Com efeito, os manuscritos filosóficos, que vão de notas de leitura a ‘tratados’ passando por reflexões avulso, ganham coerência vistos a partir do Fausto. Como se essa enorme actividade filosófica tivesse desembocado no pensamento de Fausto (com a aparência do sistema ou, pelo menos, com um núcleo sólido); e que, enfim, ‘liberto’ da metafísica (mas ‘integrando-a’ de diversas maneiras), o poeta heteronímico pudesse nascer.” (Gil, J. *O Espaço Interior*. Lisboa: Presença, 1994. p. 34.)

pensamento filosófico original e desassossegado que habita e é animado por sua criação. Enfim, a proposta deste ensaio consiste em adentrar o universo de Pessoa para explicitar e colocar essa dinâmica em jogo, ao analisar a dimensão epistemológica e ética da criação poética do heterônimo Ricardo Reis.<sup>19</sup>

### Olho e as coisas existem. Penso e existo só eu

À primeira vista, a vivência, as características e as considerações de Fausto parecem ser unicamente opostas às de Alberto Caeiro. O primeiro quer desesperadamente alcançar o conhecimento absoluto de tudo: “Quizera ter/ Isso que escuramente em mim aspiro:/ O pensamento abrangedor de tudo/ N’uma compreensão unica e funda./ Todo o contido em artes, letras, todas/ As leis no fundo do universo nadas/ Que regem até a historia/ Em modalizações/ Era isto que eu, n’um pensamento unico/ Abrangedor, quizera compreender.”<sup>20</sup>. O segundo serenamente se esforça para aprender a desaprender, e com isso se voltar para uma via alternativa ao insaciável conhecimento:

*Procuo despir-me do que apprendi,/ Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,/ E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,/ Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,/ Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,/ Mas um animal humano que a Natureza poz na superficie./ E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,/ Mas como quem sente a Natureza e mais nada./ (...) Sou o Argonauta das sensações verdadeiras./ Trago ao Universo um novo Universo/ Porque trago ao Universo elle-próprio.”<sup>21</sup>*

---

19 Antes de prosseguir, cumpre explicitar brevemente o procedimento metodológico adotado. Esta leitura não trata os poemas de Pessoa como ilustrações de teses filosóficas previamente estabelecidas, nem busca extrair deles um sistema filosófico acabado. Trata-se, ao contrário, de uma análise imanente: parte-se dos próprios textos literários – suas imagens, tensões, contradições e ritmos – para identificar neles problemas de ordem filosófica (consciência, existência, destino, temporalidade) que emergem da experiência poética. O material filosófico não é aplicado de fora, mas extraído daquilo que a própria linguagem poética faz pensar. Nesse sentido, a obra de Pessoa é tomada como um laboratório de ideias em ato, onde o desassossego não é apenas tema, mas condição do pensamento.

20 Pessoa, F. *Fausto*. Lisboa: tinta da china, 2018. p. 137.

21 Pessoa, F. *Obra completa de Alberto Caeiro*, RJ: tinta da china, 2018. p.70

Assim, um vive às voltas com o abissal pensamento profundo, já o outro se contenta com as superfícies reveladas pelos sentidos. Para aquele que opta por experimentar tudo com o pensamento, o mundo parece monótono e entediante; enquanto para o que navega através de suas sensações, o mundo é plural e deslumbrante.

Incapaz de se entregar ao amor, Fausto tem horror ao outro e odeia a vida. O outro é apenas uma projeção de sua própria subjetividade. O fãustico eu é errante e está profundamente voltado para o interior: “Perdido/ No labirinto de mim mesmo, já/ Não sei qual o caminho que me leva/ D’elle á realidade humana e clara/ Cheia de luz, onde sentir-me irmãos./ Por isso não concebo alegremente/ Mas com profunda pesadez em mim/ Esta alegria, esta felicidade,/ Que odeio e que me fere.”<sup>22</sup>

Por sua vez, Caeiro revela que, em vista da entrega incondicional envolvida no ato de amar, ele ama tudo o que existe, a vida e até o outro. “Eu não tenho philosophia: tenho sentidos.../ Se fallo da Natureza não é porque saiba o que ella é./ Mas porque a amo, e amo-a por isso./ Porque quem ama nunca sabe o que ama/ Nem sabe porque ama, nem o que é amar.../ Amar é a primeira innocencia./ E toda a innocencia é não pensar...”<sup>23</sup> Aliás, para este, o outro é objetivamente outro: “E vejo-te independentemente de mim./ Alegre pela victoria que tenho em poder ver-te/ Sem ‘estado de alma’ nenhum, salvo ver-te./ A tua belleza para mim está em existires./ A tua grandeza está em existires inteiramente fóra de mim.”<sup>24</sup>

O eu caeiriano visa, sobretudo, à coincidência com o mundo e está totalmente voltado ao exterior: “Vivemos antes de philosophar, existimos antes de o sabermos,/ E o primeiro facto merece ao menos a precedencia e o culto./ Sim, antes de sermos interior somos exterior./ Por isso somos exterior essencialmente.”<sup>25</sup> Assim ele vive plenamente a vida: “A espantosa realidade das coisas/ É a minha descoberta de todos os dias./ Cada coisa é o que é,/ E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,/ E quanto isso me basta./ Basta existir para ser completo.”<sup>26</sup>

---

22 Pessoa, F. *Fausto*. Lisboa: tinta da china, 2018. p. 332.

23 Pessoa, F. *Obra completa de Alberto Caeiro*, RJ: tinta da china, 2018. p.34

24 Ibidem, p.104.

25 Ibidem, p.100.

26 Ibidem, p.91.

Já Fausto é incapaz de viver plenamente: “Pensar, pensar e não poder viver!”<sup>27</sup>. Ele só pensa na morte e em seu horror: “Dois horrores/ Me esmagam, cada um dos quaes parece/ O maior dos horrores que ha maiores:/ Um, o horror da morte, outro, o horror/ De não poder evitar encontrar/ Esse horror – ter que morrer”<sup>28</sup>. Ele se sente vertiginosamente vazio, completamente absorvido pela dimensão abstrata do pensar, acredita que tudo é um infinito mistério inatingível, e vive às voltas com a ilimitada potência do nada. “Mundo, confranges-me por existir./ Tenho-te horror porque te sinto ser/ E compreendo que te sinto ser/ Até às fezes da compreensão./ Bebi a taça do pensamento/ Até ao fim; reconhecia-a pois/ Vazia e achei horror. Mas eu bebi-a./ Raciocinei até achar verdade./ Achei-a e não a entendo”.<sup>29</sup>

A temporalidade de Fausto se distingue essencialmente pela ausência, seja porque se concentra na reminiscência de algo que nunca foi ou não pode mais ser, ou porque sua consciência o impele constantemente ao mistério encerrado na morte ainda vindoura:

*Desconsolado e mudo, sentimento/ De ter deixado atras parte de mim,/ E saudade de não ter saudade,/ Saudade dos tempos em que a tinha./ Se a minha infância evoco, vejo/ Extranho! – como uma outra criatura/ Que me era amiga, n’uma vaga/ Objectivada subjectividade./ (...) No tempo, desfazendo-me em espanto;/ E a sensação que sinto ao perceber/ Que vou passando, já tem mais de horror/ Que tristeza, apavora-me e confrange/ E nada evoca nada a não ser o mysterio/ Que o Tempo tem fechado em sua mão./ Mas a dor é maior!*<sup>30</sup>

Já Caeiro sente-se constantemente pleno, experimenta a existência em sua concretude e acredita na totalidade, na autossuficiência e na autoevidência dela; para ele o infinito é apenas uma ideia doentia do pensamento intangível, porque tudo o que existe deve ter necessariamente um limite e um fim. A temporalidade em Caeiro é claramente uma apologia à existência atual:

---

27 Pessoa, F. *Fausto*. Lisboa: tinta da china, 2018. p. 319.

28 *Ibidem*, p. 326.

29 *Ibidem*, p. 316.

30 Pessoa, F. *Fausto*. Lisboa: tinta da china, 2018. p. 320.

*Vive, dizes, no presente;/ Vive só no presente./ Mas eu não quero o presente, quero a realidade;/ Quero as cousas que existem, não o tempo que lhes damos./ O que é o presente?/ É uma cousa relativa ao passado e ao futuro./ É uma cousa que existe em virtude de outras cousas existirem./ Eu quero só a realidade, as cousas sem presente./ Não quero incluir o tempo no meu haver./ Não quero pensar nas cousas como presentes; quero pensar nellas como cousas./ Não quero separal-as de ellas-proprias, tratando-as por presentes./ Eu nem por reais as devia tratar./ Eu não as devia tratar por nada./ Eu devia vel-as, apenas vel-as;/ Vel-as até não poder pensar nellas./ Vel-as sem tempo, nem logar;/ Ver podendo podendo dispensar tudo menos o que se vê./ É esta a sciencia de ver, que não é nenhuma.*<sup>31</sup>

Enfim, uma leitura atenta dos escritos em questão revela que essas oposições não param por aí. Contudo, mais do que elencá-las, interessa-nos compreender a sua natureza filosófica e as suas consequências.

Embora possamos apontar inúmeras oposições entre eles, não seria legítimo tratar Caeiro apenas como o polo positivo da obra pessoana, e Fausto como o polo negativo; ou, ainda, considerar que um é simplesmente o inverso do outro. Ocorre que dois aspectos elementares da existência humana os mantêm sob o mesmo horizonte, a saber: a incidência do desassossego e a vigência do Destino. Ao explorarmos algumas constatações decisivas compartilhadas por ambos, pretendemos compreender melhor essa disposição que os abrange.

Cientes de que a existência não é racionalizável, previsível ou organizável tal qual um problema matemático, e que qualquer tentativa de entendê-la será sempre frustrada, tanto Caeiro quanto Fausto optam por não suprimir as contradições, aceitando-as enquanto parte de suas experiências.

Com efeito, lemos em Fausto: “O Ser é o Ser; é a única verdade/ Epigrammatica no seu vazio./ Logo que o pensamento d’aqui saia/ Por impossíveis raciocínios, ou/ Por intuições ocas e vãs, delira.”<sup>32</sup> Enquanto Caeiro escreve: “as cousas não teem significação: teem existencia./ As cousas são o unico sentido occulto das cousas.”<sup>33</sup>

31 Pessoa, F. *Obra completa de Alberto Caeiro*, RJ: tinta da china, 2018. p.112.

32 Pessoa, F. *Fausto*. Lisboa: tinta da china, 2018. p. 78

33 Pessoa, F. *Obra completa de Alberto Caeiro*, RJ: tinta da china, 2018. p.66.

Para ambos, o pensar não se restringe somente ao exercício do intelecto. Ainda que cada um exponha configurações distintas, os dois exploram enfaticamente outras possibilidades do pensamento. As tradicionais categorias dicotômicas – do tipo sujeito e objeto, interior e exterior – também serão colocadas em questão por eles, por mais que disso decorram compreensões radicalmente diferentes uma da outra. Nenhum dos dois adere à noção tradicional de temporalidade. Tanto um quanto o outro reconhecem que tudo o que existe é passível de transformação e está sob a vigência de um Destino desconhecido e incontrolável. Nesse sentido, lemos em Fausto: “O Destino: As minhas mãos invisíveis/ pesam sobre o mundo/ E as cousas, insensíveis/ Ao seu condestinar profundo./ Dormem no sonho da verdade/ Chamado a sua liberdade./ Todos são malhas de uma rede/ Que no seu desfazer/ Julgam que vivem e têm sede/ De em si crêr.”<sup>34</sup> Lemos, ainda, em Caeiro: “O vento sopra sem saber./ A planta vive sem saber./ Eu também vivo sem saber, mas sei que vivo./ Mas saberei que vivo, ou só saberei que o sei?/ Nasço, vivo, morro por um destino em que não mando.”<sup>35</sup>

Cada qual, à sua maneira, acredita que a realidade e a verdade são incognoscíveis e independentes do arbítrio humano. Para o poeta pastor, a realidade e a verdade são evidentes; já para o atormentado douto, elas são insondáveis. Caeiro diz que ele tem dúvidas sobre a existência de sua interioridade, uma vez que não é capaz de olhar para dentro de si. Corroborando, mesmo que involuntariamente, tais observações caeirianas, quanto mais profundamente Fausto mergulha em seu interior, mais ele ignora a tudo e a si próprio.

Diante das considerações, constatações e circunstâncias apresentadas em *Fausto* e nos poemas de Caeiro, constantemente temos a sensação de que o primeiro padece de todos os prejuízos do comportamento abstrato preconizados insistentemente pelo segundo. Os escritos de *Fausto* não contradizem as afirmações caeirianas, ao contrário, em muitos momentos eles são a contraprova de que Caeiro está certo em seu arbítrio.

Sabemos que *Fausto* é marcado pela incessante busca do sentido da existência, empenho que será constantemente frustrado. Prevalecerá em Fausto, como saldo dessa impossibilidade, a consciência de que a existência é contingente e não apresenta nenhum sentido definitivo ou fundamental. Sem a necessidade de passar pelas fáusticas perquirições, Caeiro sabe de antemão

34 Pessoa, F. *Fausto*. Lisboa: tinta da china, 2018. p. 166.

35 Pessoa, F. *Obra completa de Alberto Caeiro*, RJ: tinta da china, 2018. p.112.

que a existência é o próprio sentido da existência, em outras palavras: a existência não tem sentido nenhum; ela apenas existe.

O mestre heterônimo não precisou ter vivenciado as aporias e agruras do fáustico pensamento hipertrofiado, para descobrir várias coisas que Fausto descobriu apenas depois de muito se desesperar e pensar. Aquém das intrincadas vias do intelecto, as apreensões advindas diretamente da vivência sensível e primordial, ironicamente, situa o poeta pastor para além das especulações complexas, indiretas e sofisticadas fomentadas pelo sujeito fáustico.

Por mais que, por exemplo, Fausto tenha se deparado depois de muito estudo com a consciência da falta de sentido da existência, a sua fragilidade diante do constante assédio do raciocínio insatisfeito com tal incógnita o impele a continuar indefinidamente as suas especulações, agravando cada vez mais o seu atormentado desassossego. Já Caeiro experimenta essa ausência de sentido através de suas sensações. Ou melhor, não se trata nem mesmo de uma ausência: suas sensações simplesmente ignoram essa questão, uma vez que ela decorre do pensar e não do sentir. Não que o seu pensamento se abstenha de interpelá-lo e desassosseguá-lo. Porém, ele sabe separar os domínios do pensar daqueles que são consagrados ao sentir e, assim, dominar os anseios de seu intelecto. Nessas circunstâncias, o seu desassossego será calmo, porque ele aceita a falta de sentido da existência, que é real e não tem sentido; dessa forma ele é capaz de refrear a sede de conhecimento do pensar. Com efeito, lemos:

*Quando vier a primavera,/ Se eu já estiver morto,/ As flores florirão da mesma maneira/ E as arvores não serão menos verdes que na primavera passada,/ A realidade não precisa de mim./ (...) Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;/ E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse./ Porisso, se morrer agora, morro contente,/ Porque tudo é real e tudo está certo./ Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem./ Se quiserem, podem dançar e cantar á roda d'elle./ Não tenho preferencia para quando já não puder ter preferencias./ O que fôr, quando fôr, é que será o que é.<sup>36</sup>*

O estudo da obra pessoana nos leva a compreender que o desassossego é a condição elementar de todo homem. Como um impulso ou uma potência inquietante, indefinida e inexplicável, inerente à vida humana e constantemente renovada por sua própria incidência. Longe da pretensão de defini-lo ou conceitualizá-lo, visto que sua característica capital é justamente a

36 Pessoa, F. *Obra completa de Alberto Caeiro*, RJ: tinta da china, 2018. p.90.

indefinição, notamos, em um esforço para mapeá-lo, que a intensidade e o direcionamento do desassossego estão diretamente ligados à forma como cada ser lida com a cisão entre a consciência e a existência.

A consciência constantemente tenta se projetar e se apropriar do destino da existência, contudo esta não corresponde aos apelos da consciência, pois independe totalmente dela ou de qualquer outro esforço do pensamento humano. Em outras palavras, por mais que nós tenhamos consciência da existência, nós não só somos incapazes de regê-la, como também somos incapazes de entendê-la ou supri-la. A consciência da existência é apenas a consciência da existência e só. Um passo dado adiante dessa constatação nos arremessaria no abismo das conjecturas. Ademais, se, por um lado, tudo o que existe independe de nossa consciência para existir, por outro, nossa consciência depende diretamente da existência das coisas. Não existe uma consciência que seja exclusivamente pura e isolada de tudo, pois a consciência é sempre consciência de algo. Ela sempre dependerá da existência de outras presenças para garantir sua própria existência.

Portanto, a dimensão da cisão entre a consciência e a existência será proporcional ao comprometimento de cada homem com sua própria consciência. Quanto mais suscetível aos enleios da consciência, mais distante estará da existência direta e real das coisas. Tanto mais distante da realidade, mais desesperador e ferrenho será o desassossego, pois mais deslocada e frustrante será a vida. Logo, considerando tal horizonte do desassossego, Fausto se localiza no extremo mais desesperador, enquanto Caeiro encarna seu extremo mais sereno. Por meio dos seus poemas, como o sol, ele ilumina a realidade obscurecida pelas projeções do intelecto. Como um buraco negro, o atormentado Fausto anula as características diretas e a vivacidade da existência. Porquanto o exercício desmedido do seu profundo pensar abstrato obscurecerá toda a realidade tangível, até que tudo se pareça apenas com mais um emblema do mistério insondável.

Graças ao estudo sistemático dos escritos de Fausto e dos poemas de Caeiro, além de observarmos que eles incorporam vigências extremamente distintas do desassossego na obra de Pessoa, fomos capazes também de compreender, ou, pelo menos, vislumbrar, a natureza, a abrangência e a flexibilidade dessa experiência. Considerando como o desassossego se desenvolverá em Ricardo Reis, podemos agora atentar para os movimentos de tal vivência.

### Abdica e sê rei de ti próprio

Com seriedade e disciplina, o heterônimo, poeta e médico, Ricardo Reis experimenta um tipo de desassossego moralmente conflitante: por um lado, ele constantemente insiste em ser rei de si próprio<sup>37</sup>, por outro, padece do desassossego de saber que o incerto e imprevisível Destino é o grande soberano de tudo e todos: “A inconstância dos deuses nos compele/ E a força ignota do Destino a tudo.”<sup>38</sup> Para ele, até podemos crer que são os deuses que nos regem, mas o Destino a tudo governa, inclusive aos deuses e, consequentemente, também a nós. Com efeito, lemos: “acima dos deuses o Destino/ É calmo e inexorável.”<sup>39</sup>

*Ipsis litteris*, o poeta médico repetirá em três diferentes poemas: “Abdica e sê rei de ti próprio”<sup>40</sup>. Por meio de outras palavras e outras tantas formulações, ele ainda reproduzirá essa mesma ideia diversas vezes, em diferentes circunstâncias e em vários poemas. Na esperança de encontrar algum território que resista ao inexorável fado, ou algo que ofereça qualquer indício de solidez, ele tentará, por meio de várias frentes, estabelecer o seu autodomínio. Contudo, por mais que tente de diversas e distintas formas, ele jamais conseguirá anular a sua consciência sob o jugo do Destino. Ao contrário, a sua obsessão em neutralizar tal consciência – ele teme sobretudo as mudanças que inevitavelmente o levarão à desconhecida morte – apenas a alimentará mais e mais, tornando-a onipresente: “Temo, Lídia, o destino. Nada é certo./ Em qualquer

---

37 Ricardo Reis se leva muito a sério. Rudolf Lind escreve sobre isso: “Reis eleva-se a si mesmo acima do meio cristão em que vive, numa atitude de desprezo”(LIND, *Estudos sobre Fernando Pessoa*, p. 133). Adiante, sobre a característica disciplina de Reis, tal estudioso também escreverá: “Numa outra passagem, o poeta elogia o estoicismo e o epicurismo como meios adequados para disciplinar a própria alma (e, por consequência, a sua expressão artística). “A Disciplina é a única deusa ética dos estoicos [sic]; e é a disciplina, como dissemos, que é a base real das doutrinas do paganismo.” A disciplina dos estoicos, posta a serviço da corrente neoclassicista, é oferecida como antídoto para a subjectivismo arbitrário dos românticos”(LIND, *Estudos sobre Fernando Pessoa*, p. 136). Reis explica o que ele compreende por disciplina: “Uma disciplina é um princípio regrador da vida e da obra, que a inteligência aceita como verdadeira, e a sensibilidade aceita por boa”(PESSOA, Ricardo Reis. *Prosa*, p. 61)

38 Pessoa, F. *Ricardo Reis –Poesia*. SP: Cia das Letras, 2000, p.163.

39 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p. 67.

40 Pessoa, F. *Ricardo Reis –Poesia*. SP: Cia das Letras, 2000, p.42, 100, 180. Conforme a edição em questão, ainda que contenha diferenças significativas, o poema da página 180 pode ser considerado como uma variação do poema da página 42.

hora pode suceder-nos/ O que nos tudo mude”<sup>41</sup>. Serão suas próprias tentativas de fuga que edificarão os muros de sua prisão:

*Sofro, Lídia, do medo do destino./ Qualquer pequena coisa de onde pode/  
Brotar uma ordem nova em minha vida,/ Lídia, me aterra./ Qualquer coisa,  
qual seja, que transforme,/ Meu plano curso da existência, embora/  
Para melhores coisas o transforme,/ Por transformar/ Odeio, e não quero.  
Os deuses dessem/ Que ininterrupta minha vida fosse/ Uma planície sem  
relevos, indo/ Até ao fim./ A glória embora eu nunca haurisse, ou nunca/  
Amor ou justa‘stima dessem-me outros,/ Basta que a vida seja só a vida/ E  
que eu a viva.*<sup>42</sup>

Tão acentuada é sua obsessão, que ele consentiria em abrir mão do amor, da glória, da estima dos seus e, enfim, de qualquer alteração no disciplinado curso que ele almeja para a sua vida. Como toda mudança o faz lembrar o Destino, ele deseja que a sua vida seja constantemente previsível como uma planície.

Entre suas investidas contra essa presença perniciosa do Destino, nos deparamos com sua insistência em tentar ignorar a consciência do inevitável porvir, através da vivência imediata do instante:

*As rosas amo dos jardins de Adónis,/ Essas volucres amo, Lídia, rosas,  
Que em o dia que nascem,/ Em esse dia morrem./ A luz para elas é eterna,  
porque/ Nascem nascido já o sol, e acabam/ Antes que Apolo deixe/ O seu  
curso visível./ Assim façamos nossa vida um dia,/ Inscientes, Lídia, voluntariamente/  
Que há noite antes e após/ O pouco que duramos.*<sup>43</sup>

Notadamente a ideia de viver o instante retoma a caeiriana vivência do atual. Contudo, diferente de Caeiro, que, sem necessitar de um porquê, vive o instante exclusivamente para viver o instante, seu discípulo pretende viver o instante para esquecer o futuro; a *noite antes e após do pouco que duramos*. Como alguém que se lembra a todo e a cada momento de esquecer e, assim, esquece-se de esquecer aquilo que não queria mais lembrar, Ricardo Reis

41 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa – Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.28.

42 Ibidem, p.168.

43 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa – Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.19

retorna invariavelmente à infausta consciência do destino vindouro, que ele tanto deseja arrefecer. Tanto que, imediatamente no poema subsequente, deparamos com versos que reafirmam seu peculiar desassossego:

*Inutilmente parecemos grandes./ Nada, no alheio mundo,/ Nossa vista  
grandeza reconhece/ Ou com razão nos serve./ Se aqui de um manso mar  
meu fundo indício/ Três ondas o apagam,/ Que me fará o mar que na atra  
praia/ Ecoa de Saturno?*<sup>44</sup>

Novamente, o tema principal do poema é a morte futura: nele a efemeridade e a impotência do homem são metaforicamente expostas na facilidade com que o mar apaga seus passos, suas marcas. E, ainda, ao evocar a insensibilidade do mundo perante a grandeza humana, por mais que R. Reis revele um ponto em comum com o poeta pastor – a noção de que o mundo é indiferente à consciência que o homem tem dele –, ele não compartilhará da tranquilidade caeiriense diante dessa constatação. Falta-lhe a naturalidade para com o decurso da vida. Uma vez que tanto faz pensar ou não no Destino, pois isso em nada irá mudá-lo, Caeiro naturalmente o aceita e, sem reservas, vive plenamente cada momento de sua vida, ignorando o seu destino ignoto. Já o seu discípulo, ainda que retoricamente, não consegue deixar de especular e cogitar sobre o seu fado. Por mais que ele tente resistir, ou melhor, justamente porque ele tenta resistir, todos os seus instantes são assombrados pela consciência do porvir.

Em outra tentativa de lidar com o Destino, Reis percorrerá a via da abdicação:

*Não tenhas nada nas mãos/ Nem uma memória na alma,/ Que quando te pu-  
serem/ Nas mãos o óbolo último,/ Ao abrirem-te as mãos/ Nada te cairá./ Que  
trono te querem dar/ Que Átropos to não tire?/ Que louros que não fanem/ Nos  
arbitrios de Minos?/ Que horas que te não tornem/ Da estatura da sombra/  
Que será quando fores/ Na noite e o fim da estrada?/ Colhe as flores mas larga-  
-as,/ Das mãos mal as olhaste./ Senta-te ao sol. Abdica/ E sê rei de ti próprio.*<sup>45</sup>

44 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.20. Em outro poema encontramos também uma variação desses versos, que podem nos facilitar a compreensão da ideia em questão: “Inutilmente parecemos grandes./ Salvo nós nada pelo mundo fora/ Nos saúda a grandeza/ Nem sem querer nos serve./ Se aqui, à beira-mar, o meu indício/ Na areia o mar com ondas três o apaga./ Que fará na alta praia/ Em que o mar é o Tempo” (PESSOA, Ricardo Reis, p. 57).

45 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.64.

Algo nesse caminho, no entanto, nos parece inquietante: insistindo na lógica do poema, poderíamos questionar: que diferença faz ser rei de si próprio se a morte chega tanto para o servo quanto para o senhor? Se o jugo do destino pesará sobre quem não carrega nada, da mesma forma que pesará sobre quem carrega tudo, que diferença faz escolher entre uma coisa ou outra? Ademais, não seria um esforço redobrado todo esse esforço em, justamente, não fazer grandes esforços? É claro que, por se tratar de questões de ordem moral, as respostas padecem das particularidades subjetivas de cada um. Reis parece acreditar que, através da abdicação, a morte será mais suave, pois terá menos a perder diante de sua eminência: “Quer pouco: terás tudo./ Quer nada: serás livre”<sup>46</sup>. Contudo, ele é incapaz de abdicar de sua obsessiva consciência do Destino. Frente ao seu receio frequentemente renovado, a possível leveza e o autocontrole, tão almejados pelo poeta, não serão constantes, tampouco consistentes. Atrozes, seus versos o denunciam:

*Nada fica de nada. Nada somos./ Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos/  
Da irrespirável treva que nos pese/ Da húmida terra imposta,/ Cadáveres  
adiados que procriam./ Leis feitas, 'státuas vistas, odes findas –/ Tudo tem  
sua cova.*<sup>47</sup>

Diante da consciência de que o Destino é dominante e inexorável, Reis encorajará também a aceitação voluntária de seu jugo, alternativa que busca garantir algum conforto e controle. Em outras palavras, uma vez que inevitavelmente temos que nos submeter ao Destino, sejamos ao menos senhores de nossa sujeição: “Fora de mim, alheio ao em que penso./ O fado cumpre-se./ Porém eu me cumpro/ Segundo o âmbito breve/ Do que por meu me é dado”<sup>48</sup>. Estranhamente, ele fala como se essa espécie de *imperativo categórico* às avessas garantisse algo a mais, mesmo que alguma satisfação moral, para além do que lhe cabe: “Acima de nós-mesmos construamos/ Um fado voluntário/ Que quando nos oprima nós sejamos/ Esse que nos oprime,/ E quando entremos pela noite dentro/ Por nosso pé entremos”<sup>49</sup>. Mas, no fundo, Reis tem consciência de que essa possível vantagem moral é ilusória: “Só esta

---

46 Ibidem, p.120.

47 Ibidem, p.141.

48 Ibidem, p.102.

49 Ibidem, p.67.

liberdade nos concedem/ Os deuses: submetermo-nos/ Ao seu domínio por vontade nossa./ Mais vale assim fazermos/ Porque só na ilusão da liberdade/ A liberdade existe”<sup>50</sup>.

O olvido, seja como uma dádiva espontânea ou como consequência do entorpecimento ativo, também se mostrará como uma estratégia para lidar com o assédio do Destino:

*Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,/ E ao beber nem recorda/ Que já bebeu na vida,/ Para quem tudo é novo/ E imarcescível sempre./ Coroem-no pâmpanos, ou heras, ou rosas volúteis,/ Ele sabe que a vida/ Passa por ele e tanto/ Corta à flor como a ele/ De Átropos a tesoura./ Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,/ Que o seu sabor orgíaco/ Apague o gosto às horas,/ Como uma voz chorando/ O passar das bacantes./ E ele espera, contente quasi e bebedor tranquilo,/ E apenas desejando/ Num desejo mal tido/ Que a abominável onda/ O não molhe tão cedo.*<sup>51</sup>

Inevitavelmente, o contentar-se *com o espetáculo do mundo* lembra-nos Caeiro. No entanto, para ver tudo constantemente como uma novidade, este prescindia da bebida ou de qualquer método de entorpecimento dos sentidos, pois era com espontaneidade que ele se entregava totalmente ao momento. Tal não parece ser o caso de Reis, cujo bebedor imêmore aludido no poema apela ao autoengano e por isso mantém, mesmo que encoberta, a fatal consciência do seu fado.

Ainda às voltas com o destino, entre outras tantas vias alternativas, Reis também tentará apelar para a deliberada negação de sua condição: “Não inquiri do anônimo futuro/ Que será, pois tenho,/ Qualquer que seja, que vivê-lo. Tiro/ Os olhos do vindouro./ Odeio o que não vejo”<sup>52</sup>. Porém, como podemos observar em suas palavras, por mais que ele se negue a ver o futuro, este não deixará de assombrá-lo.

Nem todas as suas tentativas em lidar com o destino serão, todavia, evasivas ou impositivas. A singela aceitação de sua condição parece lhe oferecer, se não algum tênue alívio, ao menos o conforto desgostoso. Como alguém que

---

50 Ibidem, p.68.

51 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.65.

52 Ibidem, p.242.

inutilmente sofreu uma terrível injúria ou cometeu um pecado irreparável, e melancolicamente desabafa sobre sua condição, mesmo sabendo que isso não fará objetivamente nenhuma diferença, Reis declara:

*Cada coisa a seu tempo tem seu tempo./ Não florescem no inverno os arvoredos,/ Nem pela primavera/ Têm branco frio os campos./ À noite, que entra, não pertence, Lídia,/ O mesmo ardor que o dia nos pedia./ Com mais sossego amemos/ A nossa incerta vida./ À lareira, cansados não da obra/ Mas porque a hora é a hora dos cansaços,/ Não forcemos a voz/ Acima de um segredo/ (...) Nesse desassossego que o descanso/ Nos traz às vidas quando só pensamos/ Naquilo que já fomos,/ E há só noite lá fora.<sup>53</sup>*

Em outros momentos de singela aceitação, mais do que os anseios ou o desassossego de Reis, prevalecem os auspícios do destino: “A cada qual, como a statura, cabe/ A justiça: uns faz altos/ a sorte, outros felizes./ Nada é prêmio: sucede o que acontece./ Nada, Lídia, devemos/ Ao fado, senão tê-lo”<sup>54</sup>.

Se todas essas vias propostas por Reis, a despeito de sua efetividade, ainda o fazem padecer da consciência do Destino, uma alternativa parece o sustentar, e, por que não, satisfazê-lo, mais do que qualquer outra, a saber: a criação poética. Ele explicita:

*Seguro assento na coluna firme/ Dos versos em que fico,/ Nem temo o influxo inúmero futuro/ Dos tempos e do olvido;/ Que a mente, quando, fixa, em si contempla/ Os reflexos do mundo,/ Deles se plasma torna, e à arte o mundo/ Cria, que não a mente./ Assim na placa o externo instante grava/ Seu ser, durando nela.<sup>55</sup>*

Para além do sentido simbólico que a rigidez estrutural dos poemas de Reis pode somar à sua necessidade de segurança, a criação artística também lhe proporcionará algum conforto. Ele crê que, como parte do mundo, a criação artística é capaz de recriar esse mesmo mundo de que ela provém e em que ela encontrou sua inspiração. Assim, a arte é capaz de fazer perdurar os

---

53 Ibidem, p.66.

54 Ibidem, p.112.

55 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa – Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.18.

instantes do mundo por meio de sua criação. O mundo cria a arte, e a arte o prolonga, recriando os instantes dele. A criação artística é um instante plasmado do mundo. Quem sabe se, ao se fixar na ideia contida nesse seu poema, a ficção de Reis não se transformará, ao menos por um instante, em sua realidade? Esperançoso, o poeta fala de seu desejo artístico:

*Quero versos que sejam como jóias/ Para que durem no porvir extenso/  
E os não macule a morte/ Que em cada coisa a espreita,/ (...) Versos onde  
se esquece o duro e irado/ Lapso curto dos dias e se volta/ À antiga liberdade/  
Que todos anelamos.<sup>56</sup>*

Enfim, Reis radicalizará de tal forma essa sua compreensão sobre a arte, que, num momento de autodefinição, escreverá: “Somos contos contando contos, nada”<sup>57</sup>.

### **Pomos a dúvida onde há rosas**

Enquanto discípulo de Caeiro, Reis conserva múltiplos pontos em comum com seu mestre. Ele admite, por exemplo, que a dimensão árdua de seu desassossego descende do convívio com os artificios da cultura e dos saberes humanos:

*Sintas a frescura e calma natureza/ Da água, e reconheças/ Que não têm penas  
nem desassossegos/ As ninfas das nascentes/ Nem mais soluços do que o  
som da água/ Alegre e natural./ As nossas dores, não, Neera, vêm/ Das causas  
naturais/ Datam da alma e do infeliz fruir/ Da vida com os homens.<sup>58</sup>*

Esse poeta não se comove com as conquistas ou com os valores habituais. O mundo dos homens é insignificante diante da existência plena da Natureza, que tem seu ciclo constante e perfeito:

*Prefiro as rosas, meu amor, à pátria,/ E antes magnólias amo/ Que fama  
e que virtude./ Logo que a vida me não canse, deixo/ Que a vida por mim  
passe/ Logo que eu fique o mesmo./ Que importa àquele a quem já nada*

---

<sup>56</sup> Ibidem, p.223.

<sup>57</sup> Ibidem, p.141.

<sup>58</sup> Pessoa, F. *Ricardo Reis –Poesia*. SP: Cia das Letras, 2000, p.46.

*importa/ Que um perca e outro vença,/ Se a aurora raia sempre,/ Se cada ano com a primavera/ Aparecem as folhas/ E com o outono cessam?/ E o resto, as outras coisas que os humanos/ Acrescentam à vida,/ Que me aumentam na alma?/ Nada, salvo o desejo de indiferença/ E a confiança mole/ Na hora fugitiva.*<sup>59</sup>

Ao homem cumpre ser aquilo que ele é, nem mais, nem menos, que isso lhe é o justo: “Tornar-te-ás só quem tu sempre foste./ O que te os deuses dão, dão no começo./ De uma só vez o Fado/ Te dá o fado, que é um./ (...) Contenta-te com seres quem não podes/ Deixar de ser”<sup>60</sup>. Assim, a grandiosidade está reservada ao homem que sabe ser completo: “Para ser grande, sê inteiro: nada/ Teu exagera ou exclui./ Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/ No mínimo que fazes”<sup>61</sup>.

Para Reis os deuses pagãos não são sobrenaturais, impalpáveis ou meras metáforas da realidade<sup>62</sup>. Eles habitam a própria natureza, vivem no vento, no sol, nos regatos, nas flores... São inteiros, sem as sombras da interioridade e as dúvidas advindas do pensar: “Os deuses são deuses/ Porque não se pensam”<sup>63</sup>. Em consonância com tal compreensão, a realidade sempre será objetiva e externa: “Esta realidade os deuses deram/ E para bem real a deram externa./ (...) Deixai-me a Realidade do momento/ E os meus deuses tranquilos e imediatos/ Que não moram no Incerto/ Mas nos campos e rios”<sup>64</sup>.

---

59 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.83.

60 Ibidem, p.208.

61 Ibidem, p.49.

62 Assim como os outros pontos, que comportam semelhanças e não uma correspondência total com a perspectiva caeiriana, há diferenças entre a crença de Reis nos deuses e a relação de Caeiro com o divino. O poeta classicista não é tão radical quanto o poeta pastor, que dissolve totalmente a diferença entre os deuses e a natureza. Embora Reis considere que os deuses habitam a natureza, em sua perspectiva ainda há distinção entre um e outro. Nas palavras de Rudolf Lind: “O incitamento do poeta à criação de, tanto quanto possível, muitos deuses para que se prestasse assim justiça à multiplicidade dos fenômenos, parece entroncar de facto na candura para com o mundo exterior de Caeiro. Mas em “O Guardador de Rebanhos” os deuses não aparecem. O próprio Reis sabe bem que o recorrer aos deuses o separa do Mestre. “Para Caeiro objectivista absoluto” escreve ele em “O Regresso dos Deuses” “os próprios deuses pagãos são uma deformação do paganismo. Ele bem via que eles eram feitos à imagem e semelhança das cousas materiais; mas não eram as coisas materiais.” (LIND, *Estudos sobre Fernando Pessoa*, p. 140)

63 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.85.

64 Ibidem, p.71.

A Natureza, consagrada aos nossos sentidos e não ao nosso intelecto, é profundamente superficial: “A Natureza é só uma superfície./ Na sua superfície ela é profunda/ E tudo contém muito/ Se os olhos bem olharem”<sup>65</sup>. E o Universo é objetivo e externo ao homem: “E quanto sei do Universo é que ele/ Está fora de mim”<sup>66</sup>.

Quando considera a incidência do pensar, Reis em muitos momentos também se aproximará das ressalvas caeirianas sobre os prejuízos da sujeição indiscriminada do pensamento sobre a exuberância da vida. Em nada o pensamento pode com a vida: “Que pesa o escrúpulo do pensamento/ Na balança da vida?”<sup>67</sup>. Nem para com tudo o que, independentemente do pensar, sensivelmente existe: “Para quê complicar inutilmente,/ Pensando, o que impen-sado existe? Nascem/ Ervas sem razão dada – / Para elas olhos, não razões, tenhamos”<sup>68</sup>. E perscrutar a realidade é um esforço improficuo:

*Sábio deveras o que não procura,/ Que, procurando, achara o abismo em tudo/ E a dúvida em si mesmo./ Pomos a dúvida onde há rosas. Damos/ Quase tudo do sentido a entendê-lo/ E ignoramos, pensantes./ Estranha a nós a natureza extensa/ Campos ondula, flores abre, frutos/ Cora, e a morte chega.*<sup>69</sup>

Entretanto, por mais que Reis se inspire na caeiriana objetividade pagã, ele não será capaz de ter a mesma independência de seu mestre. Não lhe é desconhecido que o pensamento é indireto, influenciável e manipulador: “Nossa vontade e nosso pensamento/ São as mãos pelas quais outros nos guiam/ Para onde eles querem/ E nós o desejamos”<sup>70</sup>. Mas nem por isso o poeta médico cuida de neutralizar ou afastar o pensar insidioso do seu convívio. Quase esperançoso em sua lida, ele tenta submeter aquilo que no pensar o compele: “Ponho na altiva mente o fixo esforço,/ Da altura, e à sorte deixo,/ E as suas

---

65 Ibidem, p.155.

66 Pessoa, F. *Ricardo Reis –Poesia*. SP: Cia das Letras, 2000, p.163.

67 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.135.

68 Ibidem, p.259.

69 Pessoa, F. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994. p. 119.

70 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.75.

leis, o verso;/ Que, quando é alto e régio o pensamento,/ Súbdita a frase o busca/ E o 'scravo ritmo o serve"<sup>71</sup>. Sobre a dimensão e os limites da influência caeiriana em Reis, Rudolf Lind escreve:

*Que deve Reis ao Mestre? Fundamentalmente, apenas o reconhecimento do primado da realidade exterior. O "objectivismo absoluto" de Caeiro ressoa em vários versos das odes. Quanto ao resto, Ricardo Reis segue caminhos próprios. Não lhe basta observar os fenómenos do mundo exterior, sem os comentar, e viver em estado de pura contemplação, como Caeiro. Reis submete o paganismo instintivo do Mestre a uma ideologia classicista em que, retrospectivamente, procura inserir Caeiro.*<sup>72</sup>

A existência de Reis não é marcada apenas pela pagã presença caeiriana. Sem conseguir deixar de considerar a todo instante a indefinida condição do Destino, a fáustica consciência da morte também é determinante e frequente em suas odes. Quando não estiver explicitamente presente, a morte estará subentendida em seus versos. Ainda que defenda, tal como Caeiro, que tudo tem sua medida própria e que, portanto, cumpre a cada um ser exatamente aquilo mesmo que se é, Ricardo Reis não vive com espontaneidade o seu fado. Sua conduta sempre padece de uma espécie de consciência reflexiva<sup>73</sup>, como se, para viver a sua vida, fosse-lhe necessária uma duplicata de sua tardia condição: "Conhece-te, se podes. Se não podes/ Conhece que não podes. Saber sabe"<sup>74</sup>. Isto significa que não é prontamente que ele aceita o seu inexorável destino, mas somente após refletir sobre como é inútil resistir ao que é inabala-vel. Nas palavras de Jacinto Prado Coelho:

---

71 Ibidem, p.24.

72 Lind, R. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional –Casa da Moeda, 1981. p. 133.

73 Sobre esse resquício do subjetivismo em Reis, Jacinto Prado Coelho escreve: "Caeiro sai de si para as coisas; no seu modo de pensar a vida predomina o objeto. A filosofia da vida de Reis diverge pelo primado do sujeito. Sentindo-se estrangeiro no mundo, incomunicável, recolhe-se com orgulho ao castelo interior"(COELHO, J. P. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: Verbo - EDUSP 1977. p. 38).

74 Pessoa, F. *Ricardo Reis –Poesia*. SP: Cia das Letras, 2000, p.107.

*Caeiro está de posse de uma verdade absoluta que lhe impõe a discussão com os metafísicos; as suas teses fundamentais são o primado do exterior, a variedade maravilhosa do real, o erro de imaginar ou filosofar inventando mundos falsos. Reis experimenta a dor da nossa miséria estrutural, sofre com as ameaças inelutáveis e permanentes do Fatum, da Velhice e da Morte. Vai à conquista do prazer relativo, sempre toldado pela tristeza de saber que o é. O seu fito é iludir (melhor: eludir) a dor construindo virilmente o próprio destino no restrito âmbito de liberdade que lhe é dado.*<sup>75</sup>

Não se trata apenas de tentar e não conseguir esquecer seu fatal destino. Mais do que qualquer outra coisa, o desassossego que faz Ricardo Reis padecer provém de sua incapacidade de aceitar com naturalidade a morte.

Sabemos que nosso poeta de espírito clássico conserva em si a abstrata consciência antecipadora da morte. Por temer o Destino, ele é incapaz de viver plenamente a vida e, tal como Fausto, vê a morte em tudo.

*Olho os campos, Neera,/ Campos, campos, e soffro/ Já o frio da sombra/  
Em que não terei olhos./ A caveira antessinto/ Que serei não sentindo,  
Ou só quanto o que ignoro/ Me incógnito ministre./ E menos ao instante/  
Choro, que a mim futuro,/ Súbdito ausente e nulo/ Do universal destino.*<sup>76</sup>

Ainda que transite entre a plenitude caeiriana e o fáustico vazio, Ricardo Reis tem, contudo, uma forma própria de conduzir a sua existência<sup>77</sup>: buscando entreter-se com o momento redivivo por sua arte, por mais que perdue sua consciência atroz do fatal Destino, ele não desiste de passar a vida de forma regrada, sem grandes sobressaltos. Em um belo poema ele explica, para seu mestre, sua forma particular de lidar com o fado:

75 C oelho, J. P. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: Verbo - EDUSP 1977. p. 38.

76 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa – Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.30.

77 José Augusto Seabra observa que a peculiaridade de Reis está também na forma como transita entre o subjetivo e o objetivo: “Apresentado por Pessoa como o “discípulo direto” de Caeiro, Ricardo Reis não deixa de ser, ao mesmo tempo que a sua emanção, um poeta sob muitos aspectos atraído pelo pólo oposto ao do “mestre” dentro do sistema poetodramático. Submetido à tensão das forças contrárias do objetivismo e do subjetivismo, ele mantém-se numa espécie de equilíbrio, em que a presença do sujeito parece sempre investir, sem a renegar mas reintegrando-a, a herança objetiva originária”(SEABRA, *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. p. 100).

*Mestre, são plácidas/ Todas as horas/ Que nós perdemos,/ Se no perdê-las,  
Qual numa jarra,/ Nós pomos flores./ Não há tristezas/ Nem alegrias/ Na  
nossa vida./ Assim saibamos,/ Sábios incautos,/ Não a viver,/ Mas decor-  
rê-la,/ Tranquilos, plácidos,/ Tendo as crianças/ Por nossas mestras,/ E os  
olhos cheios/ De Natureza.../ À beira-rio/ À beira-estrada,/ Conforme ca-  
lha,/ Sempre no mesmo/ Leve descanso/ De estar vivendo./ O tempo passa,  
Não nos diz nada./ Envelhecemos./ Saibamos, quase/ Maliciosos,/ Sentir-  
-nos ir./ Não vale a pena/ Fazer um gesto./ Não se resiste/ Ao deus atroz/  
Que os próprios filhos/ Devora sempre./ Colhamos flores./ Molhemos leves/  
As nossas mãos/ Nos rios calmos,/ Para aprendermos/ Calma também./  
Girassóis sempre/ Fitando o sol,/ Da via iremos/ Tranquilos, tendo/ Nem o  
remorso/ De ter vivido.<sup>78</sup>*

### Contos contando contos

Como *contos contando contos*, ele tenta contornar a angústia causada pela emi-  
nente consciência da morte através da criação poética. Com efeito, lemos:  
“Que mais que um ludo ou jogo é a extensa vida,/ Em que nos distraímos de  
outra coisa –/ Que coisa, não sabemos”<sup>79</sup>. Apropriando-se sobretudo da mi-  
tologia clássica<sup>80</sup>, ele recria o mundo, a vida e a própria consciência da morte.  
Sempre ciente, todavia, da fragilidade de suas caracterizações, o poeta sabe  
que nada tem sentido e que o destino é sempre ignoto: “E nada tem sentido –  
nem a alma/ Com que penso sozinho”<sup>81</sup>.

Diferente de Caeiro e Fausto, Reis não crê na verdade. Em seu “objectivis-  
mo absoluto”, o primeiro acha que ela é evidente e não faz distinção entre a ver-  
dade e a realidade. O segundo, imerso em seu abissal subjetivismo, acha que  
a verdade está velada no mistério. Sem pender decisivamente para nenhum  
desses dois extremos, no que concerne essa questão, Ricardo Reis prefere

---

78 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa – Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.54.

79 *Ibidem*, p.227.

80 Sobre a peculiar apropriação da cultura clássica por Ricardo Reis, lemos em uma carta de Sá Carneiro para Pessoa: “Admiráveis, meu querido Poeta, as Odes de Ricardo Reis. Conseguiu reali-  
zar uma <<novidade>> clássica, horaciana. Não sei porquê, contém elementos novos –entanto tão  
clássicas, pagãs” (SÁ-CARNEIRO, *Obras completas. Cartas a F. P.* Lisboa: 1958. p.162).

81 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa – Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.109.

permanecer suspenso, quiçá, nem mesmo os deuses conhecem a verdade. Duvidosa, ela deve ser deixada de lado: “Da verdade não quero/ Mais que a vida; que os deuses/ Dão vida e não verdade, nem talvez/ Saibam qual a verdade”<sup>82</sup>.

Em uma provável tentativa de justificar suas escolhas poéticas e ressaltar a sua condição, ele revela toda a peculiaridade de seu conflitante desassossego: Não canto a noite porque no meu canto/ O sol que canto acabará em noite./ Não ignoro o que esqueço./ Canto por esquecê-lo./ Pudessem eu suspender, inda que em sonho,/ O Apolíneo curso, e conhecer-me,/ Inda que louco, gêmeo/ De uma hora imperecível!<sup>83</sup>

Nem a noite, evocada por Fausto, nem o dia, saudado por Caeiro. Cantando o dia para esquecer a noite que, no entanto, não deixa ser ignorada, Ricardo Reis vaga no interlúdio entre o sol e o buraco negro.

Enfim, ao retomar a citação inicial de Pessoa (“O caminho da Filosofia não é partir do conhecido para o desconhecido, mas do desconhecido no conhecido para o desconhecido em si mesmo”), notamos que, ao eleger o “caminho da Filosofia” – e não a Filosofia – como o sujeito em questão, Pessoa demonstra maior preocupação com o exercício da Filosofia do que com sua definição ou conclusões. Sua primeira afirmação consiste em uma negação: “O caminho da Filosofia não é partir do conhecido para o desconhecido”. Com isso, ao invés de solidificar uma conclusão sobre o que seria esse caminho, ele subtrai o sujeito de seus predicados, abalando aquilo que poderia ser uma definição. Aqui, ao negar que a filosofia seja um exercício em que partimos de uma compreensão habitualmente conhecida para, à luz do saber filosófico, desconstruí-la, o poeta subverte também uma compreensão tradicional (socrática) sobre qual seria o papel da filosofia.

Na sequência, embora a sua afirmação seja positiva e formalmente predicativa, seu sentido semântico é negativo. Observem que o “desconhecido no conhecido” não nomeia um conteúdo positivo que possamos tomar como ponto de partida; ao contrário, ele designa justamente aquilo que, dentro do conhecido, escapa ao conhecer. É uma falta, uma interrogação interna, uma ausência de saber que já estava ali, mas que o hábito nos impedia de ver. Assim, ao dizer que se parte “do desconhecido no conhecido”, Pessoa não nos dá um novo ponto firme de partida – ele apenas reinscreve a negação no interior daquilo que julgávamos saber. O movimento, portanto, não se

---

82 Ibidem, p.161.

83 Pessoa, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa –Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p.94.

torna menos negativo: ele apenas desloca a negação de uma posição externa (partir do conhecido) para uma posição imanente (o desconhecido que já habita o conhecido). Desse modo, mesmo o segundo termo da frase – “para o desconhecido em si mesmo” – não introduz uma positividade, mas apenas o desdobramento final dessa mesma negatividade, agora liberada de qualquer vínculo com o conhecido.

Resta, por fim, o termo “para o desconhecido em si mesmo”. Observem que, assim como o “desconhecido no conhecido”, o “desconhecido em si mesmo” também não designa um conteúdo positivo. Trata-se, antes, do desdobramento final da mesma negatividade, agora liberada de qualquer vínculo residual com o conhecido. Se no primeiro momento o desconhecido ainda estava atrelado ao conhecido (como sua fissura interna), neste segundo momento ele se apresenta por si mesmo, sem referência ao saber prévio. Desse modo, o caminho da Filosofia não vai do conhecido para o desconhecido, tampouco produz um novo conhecimento ao final; ele parte de uma ausência de saber já instalada no coração do conhecido e termina em uma ausência de saber radical, já não relativa a nenhum termo familiar. A frase, portanto, não descreve uma progressão positiva, mas uma dupla negatividade: nega-se o ponto de partida habitual (o conhecido) e nega-se também que o ponto de chegada seja um conhecimento. O que permanece é o próprio movimento negativo, sem positividade em nenhum dos extremos.

Ora, essa dinâmica – partir do desconhecido no conhecido para o desconhecido em si mesmo – não é para Pessoa uma fórmula vazia. Ela constitui o movimento efetivo de sua experiência poético-filosófica, manifestando-se no desassossego que perpassa seus escritos e nas diferentes maneiras como suas criações literárias lidam com o real, o pensar e a morte. Ela se encarna na própria dinâmica de sua criação poético-filosófica, sobretudo na relação entre seus heterônimos e na experiência do desassossego que os anima. O que a citação anuncia como procedimento negativo encontra sua expressão concreta na obra: em *Caeiro*, o “desconhecido no conhecido” não é um mistério a ser desvelado, mas a própria superfície das coisas enquanto nunca inteiramente antecipável pelo pensamento; sua admiração contínua – como a de uma criança recém-nascida – não postula um oculto, apenas reconhece o desconhecido como desconhecido e, por isso mesmo, não procura ultrapassá-lo. Em *Fausto*, ao contrário, o “desconhecido no conhecido” torna-se angústia e busca infinita, e o “desconhecido em si mesmo” apresenta-se como abismo que o pensamento não cessa de interrogar. Já em *Ricardo Reis*, o movimento se tensiona de modo peculiar. Ele parte, como *Caeiro*, da realidade externa

– as rosas, os rios, os campos – mas nessa própria evidência sensível descobre um “desconhecido” que não é a superfície inocente, e sim a sombra do Destino e da morte. O conhecido (o instante presente, o objeto contemplado, a ordem pagã do mundo) abriga para Reis um desconhecido iminente: o porvir que tudo transforma, a tesoura de Átropos, a noite que sucederá ao dia. Ele não pode ignorar esse desconhecido – como Caeiro o ignora – nem entregar-se a ele sem reservas – como Fausto o faz. Por isso, seu caminho consiste em tentar cultivar o desconhecido no conhecido por meio da criação poética: os versos funcionam como um alicerce (uma coluna) que, ao mesmo tempo, nomeia o medo e o mantém à distância. “Somos contos contanto contos”, escreve Reis, sabendo que a consciência da morte é o desconhecido que habita cada instante sabido, mas que a própria arte de contar – o poema, a ode, a mitologia classicista – oferece um regime (quicá) provisório de sentido. Ele não alcança o “desconhecido em si mesmo” (a morte como fato consumado, o absoluto indiferenciado), nem deseja alcançá-lo; move-se, antes, na tensão entre o desconhecido imanente ao conhecido e a sua suspensão pela palavra. É por isso que ele vaga no interlúdio: entre o sol caeiriano, que ilumina sem perguntar, e o buraco negro fáustico, que absorve toda luz com seu profundo especular.

## Referências

- BABIOU, A. *Pequeno Manual de Inestética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BARBARAS, R. *Investigações Fenomenológicas*. PR: Editora UFPR, 2011. p. 219
- COELHO, J. P. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: Verbo - EDUSP 1977.
- GIL, J. *O Espaço Interior*. Lisboa: Editora Presença, 1994.
- LIND, R. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981.
- LOURENÇO, E. *Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Gradiva, 2008.
- PAZ, O. *Signos em Rotação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- PESSOA, F. *Alguma Prosa*. Ed. de Cleonice Berardinelli. 5ª. ed. RJ: Nova Fronteira, 1990.
- PESSOA, F. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. SP: A Girafa, 2006.
- PESSOA, F. *Fausto*. Edição de Carlos Pittella. Lisboa: Tinta da China, 2018.

- PESSOA, F. *Obra Completa de Alberto Caeiro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2018.
- PESSOA, F. *Poemas de Ricardo Reis*. Ed. Crítica de Luiz F. Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.
- PESSOA, F. *Presença*, nº 17. Coimbra: Dez. 1928 - ed. facsimil. Lisboa: Contexto, 1993.
- PESSOA, F. *Prosa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 2012.
- PESSOA, F. *Ricardo Reis – Poesia Completa*. Ed. de Manoela P. da Silva. SP: Cia das Letras, 2000.
- PESSOA, F. *Ricardo Reis. Prosa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003
- PESSOA, F. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa – Ricardo Reis*. Edição de Silva Bêlkior. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.
- PESSOA, F. *Textos filosóficos, vol. 1* – ed. por Antônio de Pina Coelho. Lisboa: Nova Ática, 2006.
- PIZARRO, J. e FERRARI, P. *136 Pessoas de Pessoa*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2017.
- QUESADO, J. C. *O constelado Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- SÁ-CARNEIRO, M. *Obras completas. Cartas a F. P.* edit. Urbano T. Rodrigues. Lisboa: 1958.
- SEABRA, J. A. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.